

LUTE COMO UMA MULHER NEGRA: DO SINDOMÉSTICO AO COLETIVO DE MULHERES CREUZA MARIA OLIVEIRA

STRUGLING AS A BLACK WOMAN: FROM THE DOMESTIC WORK SINDICATE TO CREUZA OLIVEIRA WOMEN GROUP

Sintia Araújo Cardoso¹
Angela Figueiredo²

RESUMO

O presente artigo é parte da dissertação de mestrado cujo objetivo é retratar a experiência de luta e de mobilização das trabalhadoras domésticas através da atuação do Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, tendo como técnica a observação participante realizada em reuniões do Sindoméstico e do coletivo e, como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada e a análise de documentos, publicações e arquivos do Sindoméstico, realizados no período de abril de 2016 a dezembro de 2018. Como resultado da pesquisa apresenta-se que o coletivo de mulheres Creuza Maria Oliveira surge como um instrumento de mobilização para fortalecer o Sindoméstico. As ações de formação do coletivo não se reduzem à abordagem sobre os direitos e deveres das trabalhadoras domésticas; trata-se também, nas reuniões, de aspectos da vida cotidiana, tais como: violência, combate ao racismo, empoderamento feminino e autoestima. O coletivo promove curso de alfabetização e incentivo à escolarização, cursos profissionalizantes, e há o entendimento sobre a intersecção das categorias de gênero, raça e classe, que atravessa o surgimento e as práticas cotidianas do Sindicato bem como do Coletivo de Mulheres, o que faz com que as diretoras do Sindoméstico entrevistadas se entendam como “feministas da prática”.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadoras domésticas, Interseccionalidade, Gênero, Raça, Empoderamento

ABSTRACT

The present article is part of the Master 's dissertation whose objective is to portray the experience of struggle and mobilization of domestic workers through the performance of the Women's Collective Creuza Maria Oliveira. It is a qualitative research of an

¹ Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM/UFBA). Pesquisadora do Coletivo Angela Davis. Email: sintiaacardoso@gmail.com

² Doutora em Sociologia (IUPERJ). Docente pesquisadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e coordenadora do Coletivo Angela Davis. Email: angelaf39@gmail.com

ethnographic nature, having as a technique the participant observation carried out in meetings of the Sindoméstico and the collective. We utilize semi-structured interviews, and the analysis of documents, publications and archives of Sindoméstico, carried out in the period from April 2016 to December 2018. As a result of the research, it is presented that the Women's Collective Creuza Maria Oliveira appears as an instrument of mobilization to strengthen the Sindoméstico. The actions of formation of the collective are not limited to the approach on the rights and duties of domestic workers; in the meetings there are also discussions regarding aspects of everyday life, such as violence, combating racism, female empowerment and self-esteem. The collective promotes an education course and encourages schooling, professional courses, and there is an understanding of the intersection of the categories of gender, race and class, which crosses the emergence and daily practices of the Union as well as the Women's Collective, which makes the interviewed directors of the Sindoméstico understand themselves as "feminists of the practice".

KEYWORDS: Domestic workers, Intersectionality, Gender, Race, Empowerment

INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da dissertação de mestrado cujo objetivo é retratar a experiência de luta e de mobilização das trabalhadoras domésticas através da atuação do Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira. O trabalho do coletivo é aliado do Sindoméstico na conscientização das mulheres com relação aos seus direitos trabalhistas, à luta pela valorização do trabalho doméstico enquanto profissão e no combate à informalidade, na promoção de cursos de qualificação profissional, no apoio a núcleos de trabalhadoras domésticas de cidades do interior do estado, dentre outras ações que o sindicato desenvolve. Fundado em 1990, o Sindoméstico é um espaço coletivo de resistência na luta política, pois, trata-se da organização de uma categoria que não tem recolhimento da contribuição sindical em folha e suas associadas dispõem somente dos domingos, tradicionalmente considerado como um dia de “descanso”, para a realização de suas atividades. Além disso, o sindicato é localizado no centro da cidade de Salvador, relativamente distante dos bairros em que reside a maioria das trabalhadoras domésticas.

Como demonstrado em outro trabalho, Figueiredo (2011) explora analiticamente alguns dos desafios do Sindoméstico. Para ela, um dos grandes desafios da organização está exatamente em dar visibilidade aos sujeitos que construíram sua identidade numa luta como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

relação marcada pela hierarquia, negação de direitos e invisibilidade política. Seguidoras da luta iniciada por dona Laudelina de Campos Melo, em 1936 (BERNARDINO-COSTA, 2007; PINTO, 2015), e em parceria com as companheiras trabalhadoras militantes em todo o país, as trabalhadoras domésticas baianas têm pautado suas necessidades em espaços importantes de representação política, o que lhes confere conquistas históricas, a exemplo da execução do Projeto Trabalho Doméstico Cidadão³ (2006-2007), a primeira política pública para qualificação social e profissional da categoria; da concretização do Conjunto Habitacional 27 de Abril⁴, em 2012, o primeiro condomínio construído exclusivamente para mulheres trabalhadoras domésticas no Brasil, importante mérito do Sindoméstico; e da recente aprovação da Emenda Constitucional n. 72/2013, mais conhecida como PEC das Domésticas, e da Lei Complementar n. 150 (LC 150/2015), as quais garantiram direitos trabalhistas e sociais que lhes faltavam para equipararem-se às outras categorias profissionais.

Além dessas conquistas históricas para a categoria, o sindicato vem realizando, através de parcerias, cursos de qualificação para as profissionais e se capilariza na articulação com outros movimentos sociais, a exemplo do Movimento Negro Unificado (MNU), da Rede de Mulheres Negras da Bahia e com o movimento feminista. Destaca-se como fruto desse engajamento político a associação de membros da diretoria em um grupo de mulheres, intitulado Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira, sediado no bairro da Mata Escura (Salvador- Bahia), o qual tem desenvolvido atividades diversas voltadas para qualificação e geração de renda para essas mulheres, e tem sido um instrumento importante de mobilização das mesmas para a participação no sindicato e na agenda das ações do movimento de mulheres negras. Nesse sentido, a organização das mulheres negras em fóruns, coletivos, grupos de estudos, etc., vem sendo uma alternativa de articulação política frente ao enfraquecimento e o desmonte de instituições representativas de categorias profissionais pela política institucional.

³ Programa Nacional de Elevação de Escolaridade e Qualificação Social e Profissional das Trabalhadoras Domésticas (Ministério do Trabalho e Emprego e Secretaria Especial de Promoção de Políticas de Igualdade Racial, 2005-2008).

⁴ 27 de Abril é o Dia Nacional da Trabalhadora Doméstica, em homenagem à Santa Zita, que morreu nesse dia, e é a padroeira da categoria.

A pesquisa realizada foi de cunho exploratório, com abordagem qualitativa (CÓRDOVA, 2009), e o caminho metodológico mais adequado foi o da observação participante (OLIVEIRA, 2000), com realização de entrevistas semiestruturadas. Essa metodologia nos permitiu acompanhar um pouco do cotidiano do sindicato, as demandas da diretoria executiva, o trabalho desenvolvido por essas seis mulheres e um homem à frente desses cargos, e os eventos dos quais participaram. Nessas oportunidades, conversamos com as trabalhadoras presentes nas reuniões e também aconteceram rodas informais de conversa, fontes importantes para a escuta.

Inspiradas na etnografia (OLIVEIRA, 2000; FAVRET-SAADA, 2005), participamos das reuniões ordinárias do Sindoméstico realizando observação participante (OLIVEIRA, 2000) como primeiro passo para realização da pesquisa. Observar a rotina do sindicato foi uma tarefa interessante, prazerosa e muito rica, pois através dela pudemos compreender como as tarefas de atendimento, encaminhamento e resolução de casos particulares se misturam ao acolhimento humanizado de cada trabalhadora que chega ao local precisando de ajuda. Da mesma forma, a observação realizada no Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira tornou-se uma vivência inspiradora, à medida que pudemos perceber o quanto esse espaço é valioso para as mulheres que dele participam, através do qual podem partilhar as suas angústias, trocar e potencializar saberes.

O campo da pesquisa é demarcado entre abril de 2016 a dezembro de 2018, com observação participante em pelo menos três atividades por mês. Esses momentos de convivência foram importantíssimos para que os dados da pesquisa fossem analisados em consonância com a realidade social em que foram produzidos.

Tomando também como base a composição dessa categoria profissional, de maioria de mulheres negras, foi feita a escolha metodológica por denominar “trabalhadoras” e não “trabalhadores domésticos” para o trabalho, em conformidade com Alda Motta (1992) e Natalia Mori et al. (2011, p. 21), que também aponta que retratar essas mulheres como “trabalhadoras”, e não como “empregadas”, é importante para enfatizar que as tarefas relativas aos cuidados domésticos estão enquadradas na organização social do trabalho. E tal como proposto por outras pesquisadoras (BISPO, 2011; MORI et al, 2011; LEITE, 2017) os nomes das entrevistadas foi mantido, por Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

concordarem que é importante visibilizar a sua militância e a sua contribuição para a luta da categoria em questão.

SINDOMÉSTICO - BAHIA: TRABALHADORAS DOMÉSTICAS BAIANAS PAUTANDO POLÍTICAS PÚBLICAS

A representação baiana das trabalhadoras domésticas na luta nacional por direitos trabalhistas deu-se de maneira organizada na década de 1980, quando um grupo de trabalhadoras que cursava o supletivo à noite no Colégio Antônio Vieira⁵, um colégio situado em um bairro nobre da cidade de Salvador, que integra a Rede Jesuíta de Ensino, começou a se reunir enquanto categoria, com apoio de padres e professoras. Em pesquisa realizada junto aos principais sindicatos de trabalhadoras domésticas do Brasil, Joaze Bernardino-Costa (2007, 2015) entrevistou as principais lideranças.

Na Bahia, destaca-se Creuza Maria de Oliveira⁶, uma das mais antigas participantes desse grupo e atual representante do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos da Bahia – Sindoméstico/Bahia e da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas – FENATRAD. Creuza Oliveira é reconhecidamente a liderança ícone da luta das trabalhadoras domésticas na Bahia, inclusive tendo sido candidata a cargos executivos (vereadora e deputada estadual) por sete vezes⁷. O seu reconhecimento político não é somente sobre si, mas também sobre a história das mulheres trabalhadoras domésticas que ela representa. A sua história de vida se entrelaça com a

⁵Com mais de um século de atividades, o Colégio Antônio Vieira é uma obra da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola, no século XVI, conhecida por seu trabalho missionário e educacional e cujos princípios inspiram as ações desenvolvidas em diversos países. Sua fundação, em 15 de março de 1911, é parte das realizações empreendidas pela missão jesuíta que desembarcou em Salvador no início do século XX. Para patrono, o Colégio homenageou Antônio Vieira, famoso padre jesuíta que viveu entre 1608 e 1697. Mais informações disponíveis em: <<https://www.colegioantoniovieira.com.br/quem-somos/index.html>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

⁶Sobre a trajetória pessoal de Creuza Oliveira, optamos pela versão trazida no livro *Saberes Subalternos e Decolonialidade – Os Sindicatos das Trabalhadoras Domésticas do Brasil*, de Joaze Bernardino-Costa.

⁷Segundo informações da própria Creuza de Oliveira, a mesma candidatou-se a cargos executivos por sete vezes: seis candidaturas a vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e foi uma vez candidata a deputada estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), em 2014, sua última tentativa em ser eleita. Fonte: <<http://www.psb40.org.br/noticias/presidente-da-fenatrad-reforca-time-de-pre-candidatos-do-psb/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

história da sua luta coletiva, como bem pontuado por Castro (1992) sobre os sujeitos políticos:

Isso se traduz em um estar junto ou ser parte de um projeto comum de mudança de uma identidade social imposta ao seu grupo de referência por interesses de um poder antagônico. A identidade de referência do sujeito político vai sendo traçada na relação entre biografia e história, um processo com diversos momentos e situações. Tal processo é marcado por projetos através dos quais as experiências são reelaboradas (CASTRO, 1992, p.57-58).

O Sindoméstico tem como bordão “Sindoméstico Bahia: Luta e Resistência Construindo Cidadania”⁸. Ele é o único sindicato da categoria neste estado, sendo que o trabalho doméstico representa os 16,2% de mulheres economicamente ocupadas em Salvador (PED-RMS⁹, 2017), o que equivale a 111 mil mulheres, sendo 94,8% dessas, mulheres negras. Segundo o levantamento feito pelo DIEESE em 2018, o total de mulheres no trabalho doméstico remunerado em Salvador em 2017 era de 96,8%, ou seja, apenas 3,2% dos trabalhadores domésticos da Região Metropolitana de Salvador eram homens. A nível nacional, a categoria é formada por aproximadamente sete milhões de trabalhadoras e trabalhadores, sendo 92,3% desse total, mulheres, segundo dados do IBGE deste ano¹⁰. Esses dados nos autorizam afirmar, portanto, que essa categoria profissional em Salvador é majoritariamente formada por mulheres negras, as quais ainda sofrem com altos índices de informalidade na profissão, preconceito e invisibilidade.

O Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira é um grupo de mulheres que foi criado a partir da experiência da atuação política dentro do Sindicato de trabalhadoras domésticas da Bahia – Sindoméstico, mulheres estas que vivem no bairro da Mata Escura, periferia de Salvador/BA. Surgiu em dezembro de 2016, como “Grupo de Mulheres da Mata Escura e Região”, e desde então reúne mensalmente mulheres,

⁸Mais informações disponíveis no site oficial do Sindoméstico: <<https://sindomesticobahia.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

⁹Sistema PED: Pesquisa de Emprego e Desemprego, publicada em abril de 2018, sobre o Emprego Doméstico na Região Metropolitana de Salvador.

¹⁰Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e Convênios Regionais. Sistema PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego.

majoritariamente trabalhadoras domésticas negras, que pautam questões do seu cotidiano familiar e de trabalho, as quais elas se propõem a socializar e discutir a fim de pensar em estratégias de encaminhamento e de minimização dos problemas que as acometem.

Milca Martins é membro da diretoria do sindicato desde 2012, e é a principal responsável por esse grupo de mulheres. Ela começou a sua trajetória na direção do Sindoméstico como suplente da Tesouraria (2012-2015), logo depois exerceu o cargo executivo de Diretora de Formação Sindical e de Estudos, quando surgiu o Coletivo, e em 2017 foi eleita Secretária Geral (2017-2020). Segundo Milca, a falta de dinheiro para o transporte é um grande empecilho para que muitas mulheres saiam dos bairros para participar das reuniões do sindicato, localizado no centro da cidade. Por isso, as trabalhadoras traçaram essa estratégia eficaz, de “levar o sindicato até elas”, as trabalhadoras domésticas, e de mostrar a essas mulheres que juntas podem se organizar para pautar as suas questões, as quais são comuns a tantas mulheres negras que moram nos bairros da periferia de Salvador.

São três bairros imbricados nessa região: Mata Escura, Santo Inácio e Calabetão, e as mulheres conhecidas da vizinhança foram trazendo umas as outras. Além da falta de investimento em infraestrutura, é comum ouvirmos nas reuniões do grupo queixas com relação à ausência de políticas públicas para jovens e crianças nessa região. É comum também o desabafo de mães que se encontram deprimidas por terem seus filhos, irmãos e companheiros envolvidos com o tráfico de drogas, sendo elas muitas vezes as responsáveis pelo sustento emocional e financeiro da família, relatos de violência policial no bairro, dentre outras questões. Lélia Gonzalez (1979 apud GONZALEZ, 1983), denunciou as condições materiais de existência da comunidade negra como sendo parte de um projeto político de naturalização do lugar do negro e do lugar do branco na sociedade, hierarquizando-os, a saber:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia normalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (...) No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo. A longo prazo, o que se visa é o impedimento de qualquer forma de unidade do grupo dominado, mediante à utilização de todos os meios que perpetuem a sua divisão interna. Enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando de ordem e segurança sociais. (GONZALES, 1979 apud GONZALEZ, 1983, p. 232).

As periferias são, segundo Gonzalez (1983), os “lugares privilegiados da culpabilidade enquanto dominação e repressão” praticadas pela ação policial. O Coletivo então é o lugar oposto, o lugar de acolhimento dessas mulheres que sofrem cotidianamente com a violência, seja ela doméstica, seja pelo medo da repressão policial a seus familiares. Lá elas buscam apoio e fortalecimento, conforme o relato que segue:

O Coletivo é uma realidade que a gente não vivia, e hoje a gente está vivendo. Representa tudo! Porque a nossa comunidade é uma comunidade carente, e pra gente não chega as políticas publicas, não são disponibilizadas pra gente informações como deveria, e o público que a gente focou, que são as mulheres, somos jogadas pra escanteio. Então você começa a conhecer lá fora muitas oportunidades que são abertas, e que por você estar aqui na comunidade, você não sabe. Muitas aqui têm filhos no tráfico, a situação financeira está ruim, passando necessidade, o abandono do marido, a falta de dinheiro, de comida, tudo isso sobrecarrega! Então as mulheres precisam ser assistidas! Elas precisam ser ouvidas! Muitas foram abusadas sexualmente, estupradas até pelo próprio companheiro, precisam ceder a ele, porque ele é homem, mesmo ela não querendo. E o Coletivo é esse espaço de escuta, orientação e acolhimento entre nós. (Nivanildes da Cruz Silva, 36 anos, moradora da Mata Escura, técnica em segurança do trabalho, filha de trabalhadora doméstica, membro do Coletivo de Mulheres Creuza Oliveira. Entrevista realizada em 21 out. 2018).

A quase totalidade do Coletivo Creuza Oliveira é composta por mulheres trabalhadoras domésticas que estão desempregadas e vivem na informalidade, trabalhando como diaristas, pois tiveram seus direitos negados durante a vida laboral e

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

se submetem a esse tipo de contrato por necessidade, ou por falta de opção, já que não possuem formação compatível para o exercício de outras profissões. O que as atrai ao coletivo é a possibilidade de vivenciar um espaço livre de violências e a esperança na luta coletiva pela valorização e respeito à profissão, que leve em consideração as suas necessidades enquanto mulheres negras e pobres, com baixa escolaridade, chefes de família, conforme os relatos que seguem:

Porque no coletivo, a gente não vem pra conversar à toa, a gente vem para trabalhar, para trazer da realidade, do sofrimento, da violência doméstica contra as mulheres, eu mesma era uma que, meu marido já me bateu muito, hoje não bate mais, quem bate sou eu. E através do coletivo eu vim saber até aonde eu posso ir. Eu sei os meus direitos. Eu faço viagem, vou ver outras companheiras, ver outras histórias, então o coletivo veio para me fortalecer, para eu aprender, e trazer outras pessoas para aprender. Eu não sabia nada, nada, e através do coletivo eu aprendi muito, e quero saber mais. (Ana Cristina Souza de Jesus, 39 anos, diarista, membro do Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira. Entrevista realizada em 21 out. 2018).

A proposta do grupo é fortalecer as companheiras para serem multiplicadoras nos espaços que participam. Levar a história do sindicato, e informações sobre os direitos da trabalhadora doméstica para aquelas que não podem ir à nossa sede. Outra proposta é a de trazer a cada mês uma mulher para palestrar, realizar alguma oficina, desenvolver alguma atividade no grupo, para cuidar do fortalecimento do grupo. O café da manhã coletivo para nós é muito importante, porque nem todos os dias temos um pão para comer. No final da reunião, sempre que possível, um almoço, uma feijoada, cada uma traz uma calabresa, o que puder, e por aí vai, para confraternizar, pra gente se abraçar. É importante também combater a violência policial na comunidade, bem como outros tipos de violência, como a doméstica, por exemplo. (Entrevista com Milca Martins Evangelista, realizada em 03 abr. 2017).

Segundo Collins (1990), espaços alternativos que reúnem mulheres negras para pautarem suas demandas são tidos como espaços de resistência, pois neles as mulheres podem pensar e discutir livremente, de forma segura. Segundo a autora:

Se a dominação pode ser inevitável como fato social, é improvável que ela permaneça hegemônica como uma ideologia no interior dos espaços sociais em que as mulheres Negras falam livremente. Esse domínio de um discurso relativamente seguro, mesmo que restrito, é uma condição necessária para a resistência das mulheres Negras. Famílias estendidas,

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

igrejas e organizações da comunidade afro-americana são espaços importantes nos quais o discurso seguro potencialmente pode ocorrer. (COLLINS, 1990, p. 6).

É importante ressaltar a importância do Sindoméstico para o surgimento do Coletivo de Mulheres Creuza Oliveira, como comemora Francisco Xavier, 52 anos, trabalhador doméstico desde os dez anos de idade, filiado ao sindicato desde 2002, membro da direção desde 2010, e atual Secretário de Serviços e Apoio Social do sindicato:

É muito gratificante você ver um coletivo desses, ele é fruto desse trabalho que o sindicato faz, ele investe nas diretoras, investe na gente, e Milca é um exemplo, ela hoje está à frente do coletivo, e que é um braço do sindicato. O coletivo trabalha essa questão da autoestima, trabalha para que essas mulheres percebam situações de exploração, aprenderem a combater a violência, tem até um trabalho de alfabetização, é uma iniciativa muito muito legal, que a gente fica feliz de ser contemporâneo de uma iniciativa como essa da companheira Milca. E homenageando Creuza, que infelizmente se homenageiam as pessoas importantes quando elas morrem, e o coletivo teve essa visão de homenagear em vida, e isso também é legal. E a gente fica muito feliz de ver a companheira tão engajada com isso, Milca é extraordinária, é uma das discípulas de Creuza que realmente tem nos orgulhado muito. (Francisco Xavier, 52 anos. Direção do Sindoméstico. Entrevista realizada em 14 nov. 2018).

As pautas do Coletivo dialogam diretamente com as do Sindoméstico, visto que as lideranças e o público beneficiado têm o mesmo perfil: mulheres negras trabalhadoras domésticas, empregadas ou não, que moram em bairros periféricos de Salvador, que recorrem a esse trabalho por conta da baixa exigência de formação para o exercício da profissão, da vulnerabilidade à qual esse trabalho está sujeito por conta da pouca regulamentação e fiscalização, embora já se tenha um avanço na legislação. O Coletivo tem mobilizado em média vinte e seis mulheres¹¹ em cada reunião mensal e, tem possibilitado oportunidades às quais elas não tiveram acesso durante toda a vida, a exemplo de cursos de alfabetização e de artesanato.

¹¹ Média obtida através da análise das listas de frequência das reuniões mensais do Coletivo.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

Consideramos o Coletivo de Mulheres Creuza Maria de Oliveira com um espaço de resistência quando se torna possível relacioná-lo com o que traz O' Neale *apud* Collins (1999):

Esses espaços são não apenas seguros – eles formam os lugares primordiais para resistir à objetificação como o Outro. Nesses espaços, as mulheres Negras “observam as imagens femininas de uma cultura ‘mais ampla’, percebem que esses modelos são, na melhor das hipóteses, inadequados e, na pior das hipóteses, destrutivos para elas e entregam-se à tarefa de fabricar a si próprias de acordo com os papéis das mulheres negras historicamente dominantes em suas próprias comunidades” (O'NEALE *apud* COLLINS, 1999, p. 6-7).

Além disso, as reuniões ordinárias do coletivo ocorrem mensalmente, mas a partir das demandas das mulheres, as atividades na sede do coletivo têm acontecido em vários dias da semana: aulas de alfabetização ocorrem desde junho de 2018, atendendo à demanda de seis mulheres, uma vez por semana; e um curso de pintura em tecido uma ou duas vezes por semana, tendo vinte participantes, dez em cada turno.

Em dezembro de 2018 houve a certificação das seis mulheres participantes do curso de alfabetização. Foi através desse curso que uma dessas mulheres aprendeu a escrever seu nome. Uma das participantes desse curso relata:

Eu já estudava, terminei a quarta série do ensino fundamental ano passado, pra mim foi um reforço importante, porque muita coisa que eu não via na escola eu aprendi aqui. Eu retornaria esse ano para a 5ª série, mas tive problemas de família e fiquei triste porque não vou poder voltar agora nem para a escola, nem para o curso daqui, mas em breve eu volto aos dois. (Marta de Queiroz, 40 anos, trabalhadora doméstica desempregada, membro do Coletivo Creuza Oliveira, depoimento em 11 de maio de 2019).

Essa é uma conquista muito importante para o Sindicato e para o Coletivo, pois a luta pela elevação da escolaridade é uma luta histórica da categoria, como diz Milca Martins:

Lutamos por educação, desde as creches à alfabetização de mulheres adultas, e à formação universitária, vejam o exemplo de Marinalva (Marinalva de Deus Barbosa, membro da diretoria do Sindoméstico), que

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

está cursando a Faculdade de Direito, e há de se formar! Esse ano eu criei coragem e retornei à escola; afinal, incentivo as outras a fazerem isso, então eu tenho que dar o exemplo. Quero ser assistente social, que aí eu vou poder ajudar melhor as minhas companheiras, mulheres negras trabalhadoras domésticas, e a todas as mulheres que precisam de apoio e de políticas públicas que funcionem. (Milca Martins, 49 anos, direção do Sindoméstico, depoimento em 03 abr. 2019).

Dessa forma, o Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira vem sendo uma alternativa para a pouca mobilização das trabalhadoras domésticas enquanto categoria, se considerarmos os números apresentados, de 111 mil profissionais em Salvador e Região Metropolitana de Salvador (RMS), para o número de 2.250 cadastradas como associadas pelo Sindoméstico; dessas, pouco mais de vinte participam das reuniões ordinárias¹².

FEMINISMO NEGRO EM PAUTA

Alda Motta (1977, 1992), Mary Castro (1992, 1993, Jurema Brites (2003, 2004, 2014), Miriam Nobre (2004), Bethânia Ávila (2007), e Hildete Melo (1998) se complementam na tarefa de elucidar as condições do trabalho doméstico no Brasil, e o clássico de Angela Davis (1981) discorre sobre esse trabalho ao longo da história, e na realidade norte-americana. As autoras analisam o trabalho doméstico a partir da reprodução das desigualdades de gênero, classe e raça, que vêm relegando essas mulheres a um lugar de subordinação e invisibilidade na pirâmide social. A literatura mostra também o protagonismo das trabalhadoras, e a sua resistência histórica às opressões sofridas (CASTRO, 1992; BERNARDINO-COSTA, 2007; LEITE, 2017).

Ao discorrermos sobre o processo organizativo que vai do Sindoméstico ao Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira, pensando outros espaços de resistência às múltiplas opressões, analisamos as intersecções das categorias de gênero, raça e classe a partir da prática das trabalhadoras domésticas, e da crítica trazida por pesquisadoras feministas negras sobre a insuficiência e muitas vezes a essencialização da categoria “Mulher”. Sueli Carneiro (2003), critica a perspectiva feminista clássica baseada no

¹² Arquivo SINDOMÉSTICO.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

protagonismo e nas necessidades das mulheres brancas ocidentais, em detrimento de perspectivas que incluam as demandas de outras mulheres, notadamente, das mulheres negras. O movimento de mulheres negras tem se afirmado como um novo sujeito político que possui demandas específicas pautadas nas intersecções das opressões sofridas por sua condição de gênero, raça e classe, e que têm como prioridade política o combate ao racismo nas diversas esferas. Angela Figueiredo (2011) discorre sobre as continuidades históricas entre a escravidão e o trabalho doméstico e destaca a centralidade que o trabalho possui na luta política levada a cabo pelas mulheres negras.

Luiza Bairos (1995) também traz a crítica da essencialização do “sujeito mulher” e destaca a centralidade do conceito de gênero. Tomando por base Patricia Hill Collins (1990), ela analisa o papel relegado às trabalhadoras domésticas, um lugar subalterno em que elas devem desempenhar suas atividades de forma passiva, sem o questionamento quanto à exploração da sua força de trabalho. É a partir desse lugar marginalizado que as trabalhadoras domésticas negras conseguem perceber, “de forma distinta, as contradições da classe dominante”. O conceito de “*outsider within*” (COLLINS, 2016, p. 100) retrata como as trabalhadoras domésticas, “na condição de um outro”, têm a possibilidade de compreender o modo de vida dos patrões através da posição que ocupam.

As análises de Collins (*Idem*) são fundamentais para o tema em questão. Ela formulou uma metodologia que considera capaz de explicar a múltipla opressão sofrida pelas mulheres negras através do conceito de “matrizes de opressão” (COLLINS, 1990). As formas de opressão estão imbricadas umas nas outras, e fazem parte de uma estrutura que subjuga as mulheres, com maior prejuízo para as mulheres negras. Em publicação recente, Collins (2016) discorre sobre como através da *autodefinição* e da *autoavaliação*, é possível às mulheres negras trabalhadoras examinar a sua posição em ocupações subalternas, e recriar uma autoimagem positiva de si.

Nas duas organizações de mulheres negras pesquisadas para esse trabalho, há um entendimento acerca das discriminações e das violências sofridas durante a vida laboral, com vistas a criar estratégias para superação dessas opressões e de desenvolver ações que venham a impedir a reprodução do ciclo de exploração em que inúmeras mulheres negras passarão pelas mesmas situações. Exemplo disso são as palestras que Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

fazem em escolas públicas, onde muitas estudantes são trabalhadoras domésticas, sobre o combate ao racismo na profissão, a importância da garantia dos direitos sociais e trabalhistas, a luta e a importância de fortalecer o sindicato através da participação, dentre outros temas.

A definição de “racismo popular” de Munanga (2004) é importante para analisar as discriminações sofridas pelas trabalhadoras domésticas, que veem negligenciadas as suas demandas perante as demandas de outras categorias trabalhistas. Seria o “racismo popular” uma espécie de racialização da categoria social à qual elas pertencem, composta majoritariamente por mulheres negras e pobres, às quais foi naturalizado o desempenho do trabalho doméstico pela nossa sociedade racista (RATTS, 2006), motivo pelo qual ele vem sendo discriminado com relação às demais categorias trabalhistas, inclusive com relação à negação de direitos (CASTRO, 1992; BERNARDINO-COSTA, 2007; FIGUEIREDO, 2011).

O trabalho doméstico é um dos trabalhos que apresenta os maiores déficits com relação a alcançar a definição de trabalho decente, pois ainda é caracterizado por índices de trabalho infantil, violências física e sexual, violações de direitos humanos etc. (BERNARDINO-COSTA, 2007, 2013, 2015; MORI et al, 2011; LEITE, 2017). Subjuga mulheres negras e pobres aqui no Brasil, e mulheres indígenas na América Latina, as quais ficam submetidas a condições de vida e de trabalho socialmente vulneráveis. (MORI et al, 2011; CALAZANS, CASTRO, PIÑEIRO, 2018). Portanto, é preciso articular ações para combater essas questões, e possibilitar a esse contingente de trabalhadoras condições dignas de trabalho e vida.

Alguns temas têm se tornado constantes na agenda política do coletivo, a “Estética, empoderamento e organização de mulheres” foi trabalhado em setembro de 2017, e é central na luta das trabalhadoras domésticas, que consideram de suma importância a valorização da autoimagem e a autoestima das mulheres negras. Figueiredo (2017) destaca como as subjetividades das trabalhadoras domésticas, sobretudo as que tiveram a infância roubada, foram construídas numa tensão constante entre a existência e a negação da sua própria humanidade.

Segundo Creuza Oliveira, a militância no movimento negro foi o que despertou nelas essa consciência, de que é preciso ressignificar a sua autoimagem, em Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

contraposição com a objetificação que nos é imposta pela sociedade, com o intuito de nos desumanizar, como fundamenta Collins (1990, p.04):

As experiências de mulheres Negras no trabalho e na família criam condições para que as contradições entre as experiências do dia-a-dia e as imagens controladoras da condição de mulher Negra se tornem visíveis. Ver as contradições nas ideologias faz com que elas se abram para a desmistificação.

A autoestima e a definição dessas imagens subalternizadas, definidas por Lélia Gonzalez (1983) como o lugar da mulata – a mulher negra hipersexualizada, a musa do carnaval, “produto de exportação”; da doméstica – a “mucama permitida”, pois presta bens e serviços; e da mãe preta – a aquela que exerce de fato a função materna, sendo a responsável pela internalização dos valores pelos filhos dos brancos na sociedade brasileira – são de suma importância para a construção da nossa consciência coletiva enquanto mulheres negras. Esses termos centram a figura da mulher negra numa perspectiva socioeconômica, que as relega aos trabalhos menos valorizados e “elucida uma série de problemas propostos pelas relações raciais” (Ibidem). Esse trabalho de conscientização vem sendo feito pelo Sindoméstico, sendo que o Coletivo Creuza também segue essa linha, pautando debates sobre o combate ao racismo e ao sexismo ao elencar a importância da valorização e do reconhecimento do trabalho doméstico enquanto profissão, a qual deve gozar dos mesmos direitos sociais e trabalhistas que as demais categorias profissionais.

Tal como constatou Collins (1990) sobre o ativismo das mulheres negras norte-americanas, no nosso caso, também vemos os laços de afetividade e/ou de parentesco entre mulheres como sendo um fator de mobilização para resistir às opressões. Temos no Coletivo Creuza mães, filhas e netas, o que também percebemos no Sindoméstico, onde as filhas, mesmo não sendo trabalhadoras domésticas, acompanham e participam das atividades do Sindicato, a exemplo de Nilvanildes Cruz, que desde criança seguia os passos de sua mãe, Georgina Cruz, trabalhadora doméstica que participa do Sindicato desde 2006, tendo sido uma das trinta alunas do Projeto Trabalho Doméstico Cidadão (TDC, 2006-2007), e hoje as duas participam do Coletivo Creuza. E o Coletivo, inclusive, é fruto do engajamento político das diretoras do Sindoméstico, as quais são Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

vizinhas e amigas, Creuza Oliveira e Milca Martins. Destaco a colaboração positiva do Coletivo para alcançar essas mulheres, que são as que o Sindicato mais quer, pois elas estão mais vulneráveis com relação à falta de informações sobre seus direitos. Logo, se o Sindicato não as alcança, devido a seus limites, o Coletivo consegue, e fortalece a causa. Silvana Bispo ilustra essa característica da organização das mulheres negras baianas:

De qualquer modo, há ainda diversas outras formas e tipos particulares de mobilização, estabelecidos pelas mulheres negras em nosso Estado. E estas são, assim o creio, respostas organizacionais possíveis, possibilidades viáveis de novas e antigas sociabilidades, solidariedade racial e, principalmente, de insubordinação. Assim, por epistemologia feminista negra entendo o papel histórico travado por mulheres negras em tempos e lugares diferenciados, as quais ousaram romper com as estratégias de aniquilamento político, social e pessoal. (BISPO, 2011, p. 189).

O Coletivo vem se articulando para buscar um posicionamento de grupo diante das desigualdades de gênero, raça e classe, e do movimento social de mulheres negras. Os termos feminismo e feminismo negro são pouco conhecidos pelas mulheres das duas organizações; entretanto, as diretoras destacam que são “feministas da prática”, porque querem demarcar o seu posicionamento na defesa dos direitos das mulheres de uma forma geral, e das mulheres negras em especial.

As diretoras reconhecem que o feminismo negro luta para que as mulheres negras reconstruam a sua história a partir da sua própria voz e sob o seu ponto de vista, exercendo o seu protagonismo, portanto, é preciso continuar trabalhando para que mais mulheres conheçam esse movimento, posto que muitas mulheres negras são feministas. São “feministas na prática”, mas muitas não sabem que a partir do momento em que elas orientam as suas práticas políticas pela luta pela superação das opressões de gênero, raça e classe, pautando igualdade de direitos e de oportunidades não só para a sua categoria, mas para todas mulheres, em especial as negras, elas são feministas negras. É preciso que mais mulheres sejam empoderadas de acordo com essa perspectiva, sobretudo as que vivem em condições de maior vulnerabilidade social e, para tanto,

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

precisamos ampliar ações que utilizem metodologias e uma linguagem que facilite a apreensão dos conceitos por parte delas.

Creuza Oliveira responde ao ser perguntado se ela se considera feminista, e feminista negra:

Essa pergunta, para você perguntar para as outras companheiras do sindicato, se elas se consideram feministas, precisaria explicar o que é feminismo, para depois de explicado elas poderem responder sim ou não. Porque essa palavra “feminismo” ninguém nunca explicou pra gente. A gente **aprende na prática**, com a nossa militância, o que é feminismo, a questão ideológica, então muita gente não sabe. Ouve falar no feminismo, e aí tem gente que interpreta o feminismo como mulheres mal amadas, mulheres que são radicais, mulheres que não gostam de homem, então um monte de absurdos que a maioria das pessoas que não sabem o que é interpretam ou pensam que é o feminismo. Então antes de fazer essa pergunta tem que explicar o que é o feminismo, para depois de explicar, perguntar: “_ E aí, você? Você se acha feminista ou não?”. Então é muito boa essa ideia de oficina sobre feminismo pra gente. (Creuza Maria Oliveira, entrevista em 28 abr. 2019. Grifos nossos).

Milca Martins se considera feminista a atribui o seu conhecimento a respeito do feminismo negro ao movimento sindical e ao movimento social de mulheres negras, como depõe:

Pelo pouco que eu conheço, do que é ser uma mulher feminista, e esse outro ponto aí, que é forte, do que é ser uma feminista negra, mulher negra, eu aprendi com o sindicato e com a Rede de Mulheres Negras, que não basta ser feminista só da boca pra fora. Eu me considero uma mulher negra feminista porque as mesmas dores que as mulheres, em especial que as mulheres negras e trabalhadoras domésticas, a gente sente na pele, minha filha! **E o feminismo pra mim é o que a gente vem fazendo, é lutar em prol da outra, é sentir as dores da outra, é buscar tirar essa mulher da onde ela está, desse índice de violência.** Então, como é que a gente identifica uma mulher feminista? Olha Creuza, olha Laudelina, olhem aquelas mulheres do século XVIII e XIX, elas deixavam de comer, de se vestir, para vender aqueles doces, aqueles quitutes, para comprar as alforrias das outras. Então eu me espelho nelas. Mas quando você participa de um grupo, tem uma aula voltada para as questões das mulheres negras, a gente se transforma. (Milca Martins, 50 anos, direção do Sindoméstico e liderança do Coletivo Creuza Oliveira, depoimento em 28 abr. 2019. Grifos nossos.).

Marinalva Barbosa também partilha esse sentimento, e se considera feminista devido à sua atuação no movimento sindical, representando a uma coletividade de

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

mulheres negras, mas denuncia que as feministas “brancas” geralmente são as patroas e, portanto, não têm interesse em lhes contemplar em suas pautas:

Existe aquele grupo de feministas tradicionais, que são as nossas patroas, que lutam por direitos só do grupo delas, do grupo delas da academia, do trabalho delas, da classe profissional delas, e esquecem que tem uma mulher negra dentro de casa, que também precisa do feminismo delas para sobreviver às mazelas. Mas elas só lutam por um determinado grupo de mulheres. Elas não lutam por mulheres de baixa renda, mulheres trabalhadoras domésticas, prostitutas, elas não puxam mulheres moradoras de rua, elas têm um determinado grupo de atuação, só defendem o lado delas. E existe o feminismo que somos nós, que luta por vários tipos de mulheres. Então eu me considero feminista sim! (Marinalva de Deus Barbosa, 42 anos, direção do Sindoméstico, depoimento em 29 abr. 2019).

É objetivo do Feminismo Negro que as mulheres negras se apropriem desse conhecimento, entendendo o quanto isso poderia contribuir com a autodefinição de suas imagens, a partir da identificação das imagens controladoras impostas pelo racismo, pela discriminação de gênero e de classe, e organizem-se para a superação dessa opressão e por melhores condições de vida, como sugere Bispo (2011):

As dimensões relativas à raça, classe e gênero são eixos de poder que entrecruzam-se, acabando em muitos momentos por subalternizar, atingir, oprimir e negar os modos de ser e fazer das afro-brasileiras. Munidas do entendimento de que a luta anti-racista e anti-sexista deriva das interlocuções entre marcadores sociais, é que tais mulheres buscaram organizar-se, seja em entidades majoritariamente femininas, seja em espaços mistos. Organizaram-se pela necessidade do exercício da cidadania, para a ampliação das bandeiras de luta ou pelo simples desejo a autorrepresentação (BISPO, 2011, p. 128).

Vale ressaltar que os temas das reuniões mensais partem dos repasses sobre o Sindoméstico (agenda, atividades), sobre o trabalho doméstico e sua história de luta no Brasil, com distribuição de materiais que contêm os direitos e deveres das trabalhadoras domésticas, a exemplo das cartilhas, fôlderes, do jornal *O Quente*, que é o periódico do Sindicato, por exemplo, e priorizam o combate ao racismo e à violência contra as mulheres. Para isso são articuladas palestras com representantes de grupos ou instituições que trabalhem esses temas (MNU, Rede de Mulheres Negras, CREAS, Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

CRAS). Outros temas são demandados pelas participantes, a exemplo, os de fortalecimento e cuidados psicológicos, e empreendedorismo e geração de renda. Nessas atividades foi possível perceber o quanto as articulações feitas para a realização das reuniões mensais com palestras fomentam debates interessantes entre os presentes, as quais relatam o quanto participar desse espaço tem sido transformador para suas vidas, como o depoimento que segue:

O coletivo é muito bom, orienta, porque pra gente, que mora na favela, não temos acesso, falta muita coisa. E ele ajuda, a união faz a força. Oferece apoio, cursos profissionalizantes do Qualifica Bahia, e nos dá apoio psicológico e fortalece a gente que tem problema em casa, com filhos... O conhecimento aqui é muito bom, e a gente unida, melhor do que estar sozinha em casa. Eu desejo que o Coletivo continue, que venha a ajudar mais mulheres que não têm oportunidade de falar. (Arlete Vieira de Jesus, 37 anos, entrevista em 21 out. 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como proposta abordar a atuação política das mulheres negras trabalhadoras domésticas na sua luta por direitos. Após a realização da pesquisa e da análise das informações obtidas a partir das entrevistas e observações participantes, foi possível compreender as ações efetivas do Coletivo Creuza Maria de Oliveira em busca do fortalecimento do Sindoméstico. Todas essas ações levam as ações do sindicato à categoria em suas bases, posto que muitas trabalhadoras têm dificuldade de comparecer às reuniões ordinárias do Sindicato nos domingos.

As trabalhadoras domésticas trabalham de forma isolada, em casas de família, o que impossibilita a existência de um espaço comum para a interação da categoria, como os refeitórios para funcionários das fábricas, por exemplo; nesse sentido, as reuniões ordinárias e os eventos promovidos ou apoiados pelo Sindicato, a exemplo, a Feijoada Solidária e a Semana de Valorização do Trabalho Doméstico, são formas de minimizar essa questão, criando um espaço de socialização, lazer e consciência política coletiva.

Com relação ao alcance das ações do Coletivo Creuza Maria de Oliveira dentro da comunidade, podemos afirmar que o acolhimento e o fortalecimento das mulheres que participam das reuniões e atividades do grupo têm sido muito positivos para

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

impulsioná-las a traçar estratégias e buscar ajuda para questões que lhes oprimem e lhes causam sofrimento, como, por exemplo, o atendimento psicológico para si e para seus filhos. As mulheres entendem o espaço do Coletivo como um local seguro para partilharem suas vivências, angústias e expectativas, e enxergam esse espaço como uma das possibilidades de socialização no bairro – que possui poucas áreas públicas cuidadas e voltadas ao lazer –, pois lá recebem orientações, informações sobre seus direitos trabalhistas e participam de discussões que problematizam a sua condição de mulher negra trabalhadora com vistas ao seu empoderamento.

Através do curso de alfabetização realizado na sede do grupo, cinco das seis mulheres participantes conseguiram transcender os limites da vergonha e da sensação de impotência que a condição de analfabetas funcionais lhes trazia, aprenderam a ler melhor e a escrever e retornaram à escola formal neste ano de 2019. Aulas de pintura em tecido e artesanato têm conferido às participantes mais autonomia e melhora da sua autoestima – pois muitas não se julgavam capazes de coordenar um pincel, além da possibilidade de geração de renda.

Os termos feminismo e feminismo negro são pouco conhecidos pelas mulheres do Coletivo, e também pelas que frequentam o Sindoméstico, como relatam as suas diretoras, que se dizem “feministas da prática” porque nunca tiveram a oportunidade de estudar isso, mas fazem questão de demarcar o seu posicionamento na defesa dos direitos das mulheres de uma forma geral, e das mulheres negras em especial, principalmente no tocante à violência, violência doméstica, combate ao racismo e à informalidade no exercício do trabalho doméstico, profissão da maioria delas. Esse é o feminismo que elas reconhecem, através de um exercício prático de luta por igualdade de oportunidades e de direitos.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. B. M. Notas sobre o trabalho doméstico. In: Lima, M.; Costa, A.A.; Costa, A.; Ávila, M.B. ; Soares, V.. (Org.). **Transformando as relações trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade**. 1. ed. São Paulo: Cut/BR, 2007, v. 01, p. 129-142.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Estudos Feministas**. v. 3, n.2, 1995, p. 458-463. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>>. Acesso em: 09 out. 2018.

BISPO, Silvana Santos. **Feminismos em Debate: Reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978 - 1997)**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – FFCH, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil: teorias de descolonização e saberes subalternos**. Brasília, 2007. 274 páginas. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília - UnB, Brasília, Distrito Federal, 2007.

_____. Controle de vida, interseccionalidade e política de empoderamento: as organizações políticas das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Revista Estudos Históricos**, v. 26, n. 52, p. 471-489, 2013.

_____. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 1, p. 147-163, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v30n1/0102-6992-se-30-01-00147.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2017.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Saberes subalternos e decolonialidade: os sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015. 270p.

BRASIL. **Lei Complementar 150/2015. 1o de Junho de 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm>. Acesso em: 10 out. de 2016.

BRITES, Jurema. 2003. Serviço Doméstico: elementos políticos de um campo desprovido de ilusões. **CAMPOS-Revista de Antropologia Social**, v. 3, 2003. p.65-82. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1588>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. Serviço doméstico: um outro olhar sobre a subordinação. In: MALUF, Sônia Weidner; LISBÔA, Maria Regina Azevedo. (orgs.) **Gênero, cultura e poder**, Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

_____; PICANÇO, Felícia. 2014. O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. **Revista Latino-americana de estudos do trabalho**. ano 19. N. 31, 2014. p. 131-158. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281111919_O_emprego_domestico_no_Brasil_em_numeros_tensoes_e_contradicoes_RELET_no_31_2014>. Acesso em: 22 out. 2018.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

CALAZANS, Márcia Esteves de; CASTRO, Mary Garcia; PIÑEIRO, Emilia (Orgs.). **Corpos, trânsitos e resistências**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Raça e Gênero. In: BRUSCHINI, C. & UNBEHAUM, S. (org.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. Editora 34, São Paulo, p. 17-194. 2002.

_____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p. 117-132, 2003. Quadrimestral. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008. Acesso em: 16 jan. 2019.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. 2003.

CASTRO, Mary Garcia. 1992. Alquimia das categorias sociais na produção de sujeitos políticos. **Revista Estudos Feministas**, Vol. 0, 1992. p. 57-73. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/309847/mod_resource/content/1/alquimia%20cat%20soc.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CHANEY, Elsa y CASTRO, Mary Garcia. **Muchacha cachifa criada empleada, empregadinha sirvienta y...más nada**. Trabajadoras del hogar en América Latina y el Caribe. Venezuela: Editora Nueva Sociedad, 1993.

COLETIVO DE MULHERES CREUZA MARIA OLIVEIRA. Facebook: Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Coletivo-de-Mulheres-Creuza-Oliveira-94155260977588/notifications/>>. Acesso em: 14 mai. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Natália Luchini. [Em inglês, Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. Nova York/Londres, Routledge, 1990. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4123078/mod_resource/content/1/Patricia%20Hill%20Collins.pdf>. Acesso em: 02 maio. 2019.

_____. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v. 31, n.1, p. 99-127, 2016.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

_____. Epistemologia Feminista Negra. In: BERNARDINO-COSTA et al (orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

CÓRDOVA, F.P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1. 2002. p. 171-178. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2002000100011>. Acesso em: 18 out. 2017.

DAVIS, Angela. Women, Class, and Race. New York: Random House Delgado, R., & Stephanie, J.(2001). **Critical race theory**. New York, New York: New York University, 1981.

DAVIS, Angela. Mulher, Raça e Classe. Tradução livre. **Plataforma Ghetto**. 2013. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>>. Acesso em: 03 de mai. 2019.

FENATRAD. **Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas**. Disponível em: <<http://www.fenatrad.org.br/site/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FIGUEIREDO, Angela. Condições e contradições do trabalho doméstico em Salvador. In: MORI, Natalia et al. **Tensões e experiências: um retrato das trabalhadoras domésticas de Brasília e Salvador**. 2011. p. 89-131.

_____. Somente um ponto de vista. **Cadernos Pagu**. (51), 2017. p. 01-09. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510017.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2018.

_____. 2018. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Revista Direito e Práx.** Rio de Janeiro, vol. 9, n. 2, 2018, p. 1080-1099. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S217989662018000201080&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

FAVRET-SAADA, J. 2005. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13. 2005. p. 155-161. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na sociedade brasileira. In. **Movimentos Sociais Urbanos: memórias étnicas e outros estudos**. Org. Antônio Silva Brasília, ANPOCS, 1983.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

LEITE, B. M. “**Audácia?**”: A Emenda Constitucional 72/2013 a partir das narrativas sobre as condições do trabalho de mulheres do Sindoméstico Bahia. Mestrado (dissertação). Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Salvador, 2017.

MELO, Hildete Pereira. **O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. Texto para discussão nº 565.** IPEA. 1998.

MORI, Natalia et al. **Tensões e experiências: um retrato das trabalhadoras domésticas de Brasília e Salvador.** Brasília: CFEMEA: MDG3 Fund, 2011

MOTTA, Alda Brito da. **Visão de mundo da empregada doméstica: um estudo de caso.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1977.

_____. **Emprego Doméstico: Revendo o novo.** *Caderno CRH*, n. 16, p. 31-49, jan/jun, 1992.

MUNANGA, Kabenguele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB** (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, 2004. p. 15-34. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

NOBRE, Mirian. Trabalho doméstico e emprego doméstico. In: COSTA, Ana Lize et. al. **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho.** São Paulo: CUT Brasil, 2004. p. 61-69. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05632.pdf>>. Acesso em: 17 de nov. de 2018.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Olhar, ouvir e escrever. **O trabalho do antropólogo.** 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 2000, p. 13-37.

PINTO, Elisabete Aparecida. **Etnicidade, gênero e educação: a trajetória de vida de Laudelina de Campos Mello (1904-1991).** São Paulo. Editora Anita Garibaldi, 2015.

RATTS, Alex. 2006. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: **Imprensa Oficial, Instituto Kuanza**, 2006. Parte 2 – é tempo de falar de nós mesmos. p. 91-129. Disponível em: <<https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

SINDOMÉSTICO-BAHIA. **Sindicato das Trabalhadoras Domésticas da Bahia.** Disponível em: <https://sindomesticobahia.wordpress.com/2016/05/03/noticias/?fbclid=IwAR3f_MrBECwc3OJjsEw6CECRfCRvUc7LKSQZaF-LygPxVgVnSkwmMnGWh5E>. Acesso em: 08 mai. 2019.

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

Recebido em: 09/04/2019 Aprovado em: 13/06/2019
--

Lute como uma mulher negra – Sintia Araújo Cardoso; Ângela Figueiredo – p. 97-121

Página 121